

UMA OUTRA VISÃO SOBRE O CICLO DA CANA-DE-ACÚCAR EM JOSÉ LINS DO REGO

***Eliana Gomes Quirino¹, Ana Lucia Fernandes², Paula Rejane Fernandes³
Pedro Fernandes de Queiroz⁴***

⁴Centro de Filosofia e Ciência da Religião, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Rua: Holanda, 201 – Casa 02, Junco. Sobral/Ceará. CEP.: 62041-180. E-mail: pedrofq@yahoo.com

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Rua: Ulisses Gomes, 99 – Centro, Campina Grande/PB. E-mail: Liliquirino@Yahoo.com.br

² Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. Rua: Prof. Manoel João, 221. Boa Vista. Mossoró/RN. CEP. 59603-370. E-mail: Anafdes@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Rua Rodrigues Alves, 1440. Prata. Campina Grande /PB. E-mail: paulafdes@yahoo.com.br

Palavras-chave: Literatura regionalista, Tradição, Nordeste.

Área do Conhecimento: VII Ciências Humanas

RESUMO

A região do Nordeste é representada como um espaço que não acompanhou o processo de desenvolvimento do país, passando a ser vista como uma região problema para o poder central. A explicação mais usada para dá conta desta situação, diz respeito a incapacidade das oligarquias canavieiras de erguer uma nova organização socio-econômica, baseada num capitalismo moderno, sem ligação com o sistema escravista da qual a região Nordeste melhor alcançou utilização deste sistema, pois as casas-grandes ordenaram a ausência de uma sociologia de relações racionalizadas entre as diversas esferas da vida social, que se resume no hiato entre a lei e a moeda, ou entre a cultura e a civilização. Por essa razão a região Nordeste passa ser visto como locus do tradicionalismo, onde a literatura vai ser uma expressão dessa condição de defesa do passado com todos seus males. Nesta perspectiva da defesa do atraso, o Ciclo da Cana-de-Açúcar de José Lins do Rego é tomando como prova maior dessa visão do Nordeste senhorial. Porém, nossa argumentação caminhar para defender que longe de ser o Ciclo da Cana-de-Açúcar de José Lins do Rego uma visão conservadora, é antes revolucionária por indicar o poder dos Homens Carismáticos.

O objetivo deste trabalho é de demonstrar através de interpretação sociológica e literária, que o Ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego, não é propriamente um Ciclo, mas um espiral ao encontro de uma utopia.

Para alcançarmos essa demonstração é indispensável definir que tipo de reconstrução histórica de idéias passadas adotaremos: “*História dos Whigs*” ou o historicismo. Definida a opção de reconstrução histórica, ela servirá de base para nossas interpretações. A expressão “*História dos Whigs*” foi criada há quase setenta anos por Herbert Butterfield, que se refiria a alguns historiadores ao escrever fatos históricos, advogando a favor dos protestantes e a Whigs, em contraposição aos católicos Tories (membros da festa conservadora britânica).

Esses historiadores, enalteciam as revoluções protestantes “*desde de que elas tivessem sucesso*

e para enfatizar o progresso no passado e também para produzir uma história que implicitamente ratificava, quando não glorificava o presente[1]”. Em outras palavras, a “*História dos Whigs*” é uma espécie de presentismo, isto é, “*a tentativa de entender o passado nos termos do presente[2]”*. Já o historicismo, que é a nossa opção de reconstrução histórica, é uma “*tentativa de entender o passado, na medida do possível, em seus próprios termos [3]”*.

Após definir o tipo de reconstrução histórica, entraremos agora lentamente no ciclo para defendermos a idéia de que ele é um espiral.

O Ciclo da cana-de-açúcar, de denominação própria de seu criador, José Lins do Rego, abrange sete livros: Menino de engenho [4]; Doidinho [5]; Bangüê [6]; Moleque Ricardo [7]; Usina [8]; Pureza [9]; Fogo morto [10] e uma região específica, o Nordeste, numa época que vai das relações de trabalho escravas, nos fins do século XIX, as

relações de trabalho assalariadas após a libertação dos escravos em 1888 até o século XX.

O século em que se dizia que os sonhos poderiam tornar-se realidade, seja pelo progresso tecnocientífico, seja pelos movimentos socialistas. Sonhos esses sonhados respectivamente por Dr. Juca, dono da usina do Bom Jesus, e Ricardo, filho da ex-escrava Avelina. Ambos sonharam em vão.

O Ciclo da cana-de-açúcar se insere no romance de 30. O romance de 30 também chamado de romance regionalista, demarca o fim da noção de “país novo”. Essa noção significava que, mesmo os países da América Latina sendo atrasados em relação aos países desenvolvidos, existia a possibilidade de progresso. Esse seria proporcionado pela grandeza da natureza e da terra. A ficção regionalista afoga essa idéia na consciência de subdesenvolvimento, inaugurando, antes, mesmo dos economistas e dos políticos, a tomada de consciência sobre o subdesenvolvimento [11,12].

O regionalismo literário não funda a região Nordeste, no entanto contribuiu para o re/conhecimento dessa região¹, pois serviu de propaganda para vender uma imagem de região que lograva tratamento diferenciado da região Sul. Segundo a ideologia nordestina, esta era favorecida pelo governo central.

Devemos dizer que essa propaganda era manipulada pela elite política, dita representante dos interesses dos que viviam nesse espaço. Tomamos a noção de elite de Iná Elias de Castro [13], que a configura quando determinados indivíduos em dado período histórico têm em mãos meios de retardar ou acelerar os processos de mudanças sociais. Castro ainda coloca que “numa economia de mercado de competição historicamente imperfeita, o sistema político é visto como um veículo legítimo das aspirações regionais”, ou seja, como o único meio de ajustar as disparidades econômicas de mercado. Desse modo o Nordeste nasce “onde se encontram o poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da especialização das relações de poder [14].

O Nordeste é a terra de José Paulino, Carlos de Melo, Dr. Luís, Vitorino Carneiro da Cunha e Ricardo², todos personagens do Ciclo da Cana-de-açúcar, de José Lins do Rego. Esses personagens representam a estrutura narrativa dos romances do Ciclo da cana-de-açúcar, à exceção do romance Pureza.

A leitura das obras do Ciclo, como obras ficcionais, devem: “*centrar-se na realidade social representada no texto através das personagens e suas ações, nos recursos estruturais e linguísticos, que denotam as relações entre narrador e personagens, e na trajetória do autor, importando o lugar ocupado pela produção em foco [15]*”.

Entretanto, não pretendemos realizar nenhuma análise ou mesmo interpretação de todos os recursos estruturais e linguísticos presentes na narração, entre o narrador e os personagens, e, tampouco, a trajetória do autor, José Lins do Rego. Preferimos, sim, seguir as personagens de José Lins do Rego em suas relações mediatizadas pelas dominações para vermos como o espiral se forma, já que Aguiar [16] explicita que as personagens são o “*elemento estruturador da sequência narrativa, (...) a partir da situação econômica e da posição social*” que ocupam e das suas ações. Assim sendo, é pela sequência estrutural dos personagens que podemos ver o espiral.

O que o autor mais trata no Ciclo é a questão de dominação³ e sua capacidade de metamorfosear-se, dentro das relações e ações das pessoas. Podemos até dizer que o tema central do Ciclo da cana-de-açúcar é a relação de dominação. É pela dominação “*a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato,...[17]*”, dentro de um grupo de pessoas, que podemos ver ao invés do Ciclo, um espiral, ao invés de um tradicionalismo exacerbado de José Lins do Rego, um homem preocupado com a construção de uma utopia via espiral. Vejamos.

Segundo Weber, há três tipos puro de dominação legítima: tradicional, legal e carismática. Elas indicam o grau de desenvolvimento da organização do poder. José Paulino, senhor de engenho, dono das casas, das terras, senhor do seu mundo, e “Carlos de Melo”⁴, personagens símbolo da dominação tradicional. Já os que obedeciam aos seus mandos eram “*em virtude da crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito existentes. Seu tipo mas puro é o da dominação patriarcal [18]*”.

Por outro lado, o representante maior, dentro do “Ciclo”, da dominação legal é o Dr. Luís; usineiro, dono da São Félix. O Dr. Juca é sua sombra aleijada. A usina transforma os espaços sociais, cria novos espaços de contato para os jogos de forças. Essa inaugura novas relações de poder dentro dos espaços recém-criados ou modelados. Observe: “*A velha casa, onde o velho José Paulino vivera os seus oitenta e tantos anos, se reformara também. Ali na cozinha, nas portas largas por onde*

entravam e saíam os moradores e as negras, tinham posto grades de ferro. A sala de visitas se enfeitara de poltronas, como as que se viam nas casas da cidade. Os quartos de dormir se forraram. O grande casarão tomava assim outras cores, outro jeito, outras maneiras de receber os que chegavam. Aquele ar bonacheirão, aquelas portas abertas, a cozinha sempre cheia de gente, tudo que era tão natural e tão seu, se fora. A casa-grande da usina não podia continuar a ser uma casa-grande de engenho [19].

A usina exige espaço só seu. Ela quer toda a terra, toda a água para funcionar. Ela racionaliza o tempo dos homens.

“Ouvia-se bem a moenda, o chiado do vapor, o bater dos mancais, dos motores e a gritaria dos homens na esteira. De noite e de dia aquele barulho. De madrugada o apito da usina chamava as outras turmas para pegar no pesado[20]”.

Em contraposição ao tempo não racionalizado dos engenhos, sirva de exemplo o engenho de Pau-d'Arco, onde Dona Dondon comenta: *“No Pau-d'Arco tinha tempo para tudo [21]”*; para as brincadeiras, as conversas, as rezas, etc.

A usina dita a conduta racional não baseada na idéia de vocação, chamamento de Deus, presente na ética dos protestantes, que levou a criar o espírito do capitalismo [22]. Mas na conduta racional do lucro utilitarista, sem a ética. A usina é o progresso que nega o passado dos engenhos. As moendas dos engenhos comparadas às das usinas, são de bangüês. É todo um oposto.

O progresso rejeita a memória, mas ela sobrevive *“guardada e solidificada nas pedras... [23]”*. Quantas pedras existem nos alicerces dos engenhos e das usinas? A memória é um *“conceito que traduz o modo e a intensidade de uma relação social [24]”*. Sem memória não há identidade do indivíduo ou do grupo [25]. A memória foi a timoneira da narrativa do Ciclo da cana-de-açúcar, haja vista a necessidade de José Lins do Rego de rescrever todo o Ciclo da cana-de-açúcar, em Fogo Morto, e edificar o espiral. Moema Selma D'Andréa, corrobora com a nossa idéia de espiral em relação ao ciclo ao dizer: *“mesmo chamado de ciclo, ele não se fecha completamente [26]”*. É correto dizer que um espiral nunca se fecha. Ele pode ser, sim, confundido com um ciclo, ou melhor, um círculo.

José Lins do Rego sentiu o preso das teias da memória oscilando entre três mundos ao longo do Ciclo: os dos senhores de engenhos, dos usineiros e dos Visionários. No mundo dos

senhores o todo predomina sobre as partes: *“As atividades do trabalho não se separam de um tempo necessário para realizá-los, nem o trabalho é visto como uma realidade isolada, individualizada, inteiramente divorciada do homem que o realiza, concepção que é fundamental para que se possua o trabalho e se explorem o homem. Tudo está corretamente totalizado numa forma de realidade social onde o abrangente não é o tempo percebido enquanto tal – como uma entidade dotada de sentido, força, razão e realidade – mas as relações totalizantes[26]”*.

Essa citação revela que o tempo é do senhor, não importa quantas horas se passam, se ainda não foi completado o serviço ordenado pelo senhor, a obrigação tem que ser cumprida.

Enquanto isso o mundo dos usineiros é o mundo da dominação legal, isto é, o mundo da racionalização dos atos, da impessoalidade do mando, da face do senhor que não se conhece. É uma sociedade anônima.

Entre esses dois mundos aberrantes José Lins do Rego escreveu o nome Vitorino Carneiro da Cunha, um Dom Quixote do sertão, um homem que andava pelas estradas sem pressa de chegar, em sua égua rudada, à mostra os ossos. Sobre os ossos, uma sela velha e roída. Esse homem era branco, de cara larga, cabelos brancos, escondidos sob o chapéu, primo de José Paulino. Mas Vitorino não quer proteção de ninguém. O primo não lhe deu a patente de capitão, ele compro-a. Dizia: *“Diga a estes cachorros que o capitão Vitorino Carneiro da Cunha é homem para o que der e vier.”* Já que *“ele não tinha medo de coisa viva, de coisa morta[27].”*

As palavras se fizeram em atos. Enfrentou o cangaceiro Antônio Silvino, com seu bando, dasafiou as forças do tenente Maurício por meio da lei e da força física para defender os seus: mestre José Amaro, cego Torquato e Passarinho. Sem falarmos nos seus constantes embates políticos. Diante desses atos de destemor e bravura, quem ainda ousaria a tamanha infâmia de chamá-lo, de forma classificatória de Papo-Rabo ? Ninguém. Pois; *“a briga com Antônio Silvino fizera com que respeitassem o velho de língua solta. Fora o único homem da Ribeira que ousara rebelar-se contra o homem. Agora Vitorino podia dizer que furava de punhal, que eles acreditavam. Os moleques da feira, os meninos da rua, passavam longe sem mais aquela graça, aqueles motejos. A princípio haviam parado por causa do Tenente Luís, o filho de farda bonita. Fora-se e voltaram as impertinências com o velho. A briga com Antônio Silvino havia enchido os meninos de admiração. Só mesmo homem de*

muita coragem faria o que o velho fizera! Todos os homens corriam dos cangaceiros, não havia quem ousasse levantar a voz para o dono de tudo. E assim o velho já não era aquele Papa-Rabo que maltratavam impiedosamente. Vivia Vitorino na conversa, nos arrancos de desaforos, contra os homens da terra [28]".

Percebemos nesse exato momento que Vitorino Carneiro da Cunha deixará de ser considerado Papa-Rabo. Agora tem seu nome de batismo reconhecido. Isso denota algo mais do que o reconhecimento do seu nome, já que de fato, "em sistemas altamente hierarquizados e holísticos, o nome é sinônimo da posição na hierarquia social[29]". A afirmação do seu nome representa uma troca, e no mesmo instante a mundança de posição social, em termos de status e papel social. Vitorino entra num espaço de liminaridade. Ele nega a ordem estabelecida. Aliás, se inclui num dos tipos de personagens literárias que Roberto Da Matta enfoca no seu livro, Carnavais, malandros e heróis. Onde "o herói se acha num estado intermediário, e não pertence nem ao seu próprio grupo nem à categoria que futuramente vai integrar. O estado de plena liminaridade é o momento em que o herói fica destacado do seu fundo social, do seu meio, de sua classe e, conseqüentemente, fica individualizado. Isto é, fica em oposição total à sociedade, apresentando-se como uma alternativa para o comportamento social. Suas ações, assim, ganham peso formidável, podendo ser generalizadas e transformadas em atos modelares[30]".

É tempo de afirmarmos que Vitorino Carneiro da Cunha é um líder carismático. Vai além da dominação tradicional e legal, de um José Paulino ou de um Dr. Luís. É um visionário, daqueles que criam seu próprio espaço, sua dimensão. Uma terceira margem, como queiram, uma terceira via, com a dominação carismática, pelo simples fato de que os seguem, fazem em virtude de devoção efetiva, de seu heroísmo, de seu arrebatamento emotivo e, principalmente, por ele estar sempre no extracotidiano. "Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo [31]".

Assim o ápice desse espiral é, portanto, Vitorino Carneiro da Cunha um herói guerreiro a escrever sua utopia. Nisso obra de José Lins do Rego abre a janela para as possibilidades históricas de se construir um outro Nordeste...

- [1, 2, 3] JONES, Robert Alun. The other Durkheim: history and theory in the treatment of classical sociological thought. IN: CAMIC, Charles. (Org.) *Reclaiming the sociological classics: the state of the scholarship*. Blackwell,1998,p. 143.
- [4] REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 56. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,1993.
- [5] REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.
- [6] REGO, José Lins do. *Bangüê*. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984.
- [7,8,19,20,21,27,28] REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo/Usina*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,1980(Romances reunidos e ilustrados),p.41-42,77,44, 19-20, 262.
- [9] REGO, José Lins do. *Pureza*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- [10] REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- [11] AMORIM, José Edilson de. *Era uma vez o Nordeste – (ficção e representação regional)*. UFPB, João Pessoa, CHLA, Dissertação,1998. P.33.
- [12] CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. IN: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática,1987.pp140-162.
- [13] CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1992.
- [14] ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Geografia em ruínas. IN: *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. Campinas, SP: UNICAMP,1994,(Teste de doutorado),pp.1-105.
- [15,16] AGUIAR, Vera Teixeira de. Pierre Bourdieu e as regras do campo literário. IN: *Veritas*. Porto Alegre; V.41,n.162,jun,1996,p. 238.
- [16,17,18,31] WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. IN: *Economia e sociedade*.Brasília:UNB,1991,p.131,34-5.
- [22] WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Prioneira,1996.
- [23] POLLAK, Michel. Identidade e silêncio. *Revista de História da PUC*,1989,p. 10.
- [24] DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco,1997,p.155.
- [25] CABRAL FILHO, Severino. *Entre a arte e a tecnologia. Velhos padeiros: seu trabalho, sua história, sua memória*. Dissertação de mestrado,PPGS,UFPB,1996.
- [26] D'ANDREA, Moema Selma. "Quem "conta" seus males espanta. IN: *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas,UNICAMP, 1992,p. 76.

BIBLIOGRAFIA

[27,29] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara,1991, p.23,261,263-264.

Notas:

¹Ver. OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma Re(li)gião*.4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1985. ;CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1992. ;PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino*. São Paulo: Cortez,1992. e ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Geografia em ruínas. IN: *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. Campinas, SP: UNICAMP,1994, (Teste de doutorado), que trata de diversos conceitos de região.

²Mesmo sendo um dos personagens centrais do Ciclo da Cana-de-açúcar, deixamos ausente. Pois, os outros personagens representam melhor os tipos de dominação.

³Adotamos o conceito de dominação em lugar do de poder, que significa "*toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade*" (Weber,1991:33). Por ser ele, segundo o próprio WEBER, um conceito sociológico amorfo. Pois assume todas as qualidades imagináveis em uma dada situação de impor uma vontade a outrem. Porém, o conceito de dominação assume uma ordem de mando e obediência regularizada, e essa ordem se encontra de forma visível no Ciclo da cana-de-açúcar em seus personagens.

⁴Carlos de Melo em menor grau, pois é com ele que percebemos o processo de decadência do domínio tradicional de modo mais claro entre todos os personagens.